

OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS EMPREGUES NA COMPOSIÇÃO DA “ABÓBADA CELESTE”

The symbolic elements used in the composition of the “Dome Celeste”

CANOTILHO, Luís¹

Resumo

Mais conhecido como *Firmamento* para o público em geral, a *Abóbada Celeste* define-se como o hemisfério celeste visível, cujo estudo pertence ao campo específico da astronomia. Contudo o presente trabalho pretende compreender o conceito, fora do campo científico, através de uma leitura simbólica muito singularizada, contextualizada e interpretada, no seio de uma sociedade discreta, como é a *Maçonaria*. O presente trabalho que teve como base a revisão da literatura sobre o tema, ao nível dos elementos simbólicos, manuais dos rituais e publicações de carácter histórico, serviu de base para a elaboração de uma composição pictórica que veio a ser executada nos tetos dos dois templos do *Rito Escocês Antigo e Aceite* da Grande Loja Regular de Portugal / Grande Loja Legal de Portugal, na cidade do Porto, no mês de agosto de 2016.

Abstract

Better known as *Firmament* to the general public, the *Celestial Dome* is defined as the visible celestial hemisphere, whose study belongs to the specific field of astronomy. However this study aims to understand the concept outside the scientific field, through a symbolic reading very singularized, contextualized and interpreted within a discrete society, such as *Freemasonry*. This work was based on the review of the literature on the subject, the level of symbolic elements, manuals of ritual and historical character of publications, served as the basis for the development of a pictorial composition that came to be performed on the roofs of the two temples *Ancient and Accepted Scottish Rite* of the Grand Lodge of Portugal Regular / Grand Lodge Legal Portugal, in Oporto, in august 2016.

Palavras-chave: Abóbada Celeste; Maçonaria Regular; Pintura de Luís Canotilho; Rito Escocês Antigo e Aceite; Ritual; Sagrado.

Keywords: Celestial Dome; Regular Freemasonry; Painting of Luís Canotilho; Ancient and Accepted Scottish Rite; Ritual; Sacred;

Data de submissão: Setembro de 2016 | **Data de publicação:** Março de 2017.

¹ LUÍS MANUEL LEITÃO CANOTILHO - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.
E-mail: luiscano@ipb.pt.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Se o âmbito deste artigo científico se limitasse ao âmbito da comunidade que pratica e aperfeiçoa a cultura maçónica, passaríamos apenas a descrever a metodologia aplicada à composição pictórica que realizámos durante o mês de agosto de 2016².

Sobre a maçonaria enquanto organização, existem as mais díspares opiniões no público em geral, muitas delas de carácter negativo, motivadas pelo desconhecimento e baseadas numa opinião de “senso comum”, fundamentalmente nas franjas mais incultas da nossa sociedade. Como sabemos, estamos perante uma opinião baseada na transmissão de experiências acumuladas de um determinado grupo social, que segundo Gadamer (1998), permitiu principalmente em Portugal, considerar esta instituição como anticlerical e potencialmente vocacionada para o domínio das estruturas em que assenta uma sociedade democrática. Estamos perante o mundo das *crenças* e das *proposições*, ausente de qualquer evidência real ou científica. Este estigma que ainda hoje domina as comunidades menos cultas transformou-se como que numa mera crença de carácter popular e superficial, baseada apenas nas aparências, na subjetividade, assistemática e acrítica (ANDER-EGG, 2007). Referimo-nos ao período da 1.ª República Portuguesa (5 de outubro 1910 – 28 de maio 1926), onde a *maçonaria irregular*³ assumiu um papel de enfrentamento às instituições que assumidamente apoiavam a monarquia, como foi o caso da Igreja (ÁLVAREZ LÁZARO, 1996). Estamos a falar do Grande Oriente Lusitano (G.:O.:L.:)⁴ que teve um papel fundamental na Revolução Republicana do 5 de outubro de 1910 e que antes, teria participado na Revolução Liberal de 1820 e na Abolição da Pena de Morte em Portugal, em 1867 (MARQUES, 1998).

² No Rito Escocês Antigo e Aceite estamos no ano de 6016.

³ A maçonaria, independentemente dos seus ritos específicos está atualmente dividida em *Regular* e *Irregular*. A *Maçonaria Regular*, também designada de *operativa*, terá tido início por volta de 1356, tornando-se *especulativa* em 1717, e está historicamente ligada à Grande Loja Unida de Inglaterra. Inspira-se na Bíblia cristã ao nível dos seus conceitos morais e metafísicos, e de alguma forma está ligada às igrejas Católica e Protestantes, assumindo uma total e explícita neutralidade nos assuntos do foro político e religioso. A *Maçonaria Irregular* é constituída por todas as organizações maçónicas não associadas à Grande Loja Unida de Inglaterra, onde se incluem as maçonarias femininas e “mistas”. Se a maçonaria Regular não admite membros que não acreditem na existência de um deus universal, a maçonaria Irregular permite entre os seus membros a existência de correntes ateias.

⁴ O Grande Oriente Lusitano foi fundado em 1802 e constitui a estrutura maçónica mais antiga em Portugal (Carta patente de 1802 da Grande Loja dos Antigos, de Londres. Cf. Marques 1986, pp. 674-684).

Em 1991 era criada em Portugal a Grande Loja Regular de Portugal (G.:L.:R.:P.:) a partir de um desentendimento (VILELA, s.d.) no seio do G.:O.:L.:⁵. Em 1996 surge uma cisão no seio da G.:L.:R.:P.:⁶ a partir da qual viria a ser criada a Grande Loja Legal de Portugal / Grande Loja Regular de Portugal (G.:L.:L.:P.: / G.:L.:R.:P.:). Atualmente é a única *Obediência Maçónica* (BOUCHER, 1990) regular reconhecida pela Grande Loja Unida de Inglaterra (U.:G.:L.:E.:) e pela maioria das obediências maçónicas (ANDERSON, 1734).

Já muito se escreveu sobre esta organização, onde como já referimos, nos países de origem católica, é sistematicamente estigmatizada pela população, fruto da ignorância e de grupos conservadores, mas também através de uma leitura histórica que começou no reinado de D. José I (1750-1777).

Posteriormente durante a 1ª República (1910-1926), onde a igreja perderia grande parte dos privilégios como o quase total domínio sobre a educação dos portugueses. Contudo a história documental permite-nos considerar a maçonaria como uma instituição ou sociedade discreta disseminada por todo o mundo (exceto em países de governos totalitários), cujos membros cultivam os princípios da liberdade, da democracia, da igualdade e da fraternidade, constituindo-se numa organização iniciática e filosófica (MACNULTY, 2008). Muitos dos maiores vultos da humanidade pertenceram a esta organização (DAVIS, 2013), que como já dissemos, provoca no público em geral sentimentos de rejeição, mas também de profundo respeito e admiração.

Neste caso, poderemos mencionar melhor exemplo do que o do maçom português Sebastião José de Carvalho e Melo? Odiado pelos grupos mais conservadores da igreja e da monarquia, a sua obra ímpar enquanto estadista⁷, possuidor de um profundo pensamento marcado pelo *Iluminismo* (REILL, 2004), permitiu a mais profunda transformação num país completamente estagnado e dominado pelos grupos mais retrógrados⁸.

⁵ O desentendimento, segundo o autor citado, surgiu no final de 1984, entre o filho do seu ex. Grão-Mestre Adelino da Palma Carlos e o grupo mais próximo do então Grão-Mestre José Eduardo Simões Coimbra.

⁶ A G.:L.:R.:P.: viria a ser absorvida pela G.:L.:L.:P.: / G.:L.:R.:P.: em 15 de julho de 1991.

⁷ Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal (1699 –1782) foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777).

⁸ O Marquês de Pombal acabou com a escravatura em Portugal continental (12 de fevereiro de 1761); Reconstruiu a cidade de Lisboa após o terramoto de 1 de novembro de 1755; Extinguiu os Autos-de-Fé; Em 25

A PROPOSTA DE TRABALHO

Desde o princípio desta década, a G.:.L.:.L.:.P.:. / G.:.L.:.R.:.P.:. tem tido um grande crescimento de membros em Portugal, a que não é alheio o trabalho realizado pelos seus Grão-Mestres. Fundam-se novas lojas por todo o país e como consequência, as instalações do principal *Templo*⁹ da cidade do Porto, da rua do Dr. Ricardo Jorge, foram sujeitas a uma intervenção profunda para poderem funcionar ao mesmo tempo várias *lojas*¹⁰, de ritos diferentes, a partir da decisão do Grão-Mestre Júlio Meirinhos¹¹. O espaço interior foi totalmente remodelado para poderem ser praticados os *Rito Escocês Antigo e Aceite*¹², o *Rito Escocês Retificado*¹³, o *Rito de York*¹⁴, o *Rito Adonhiramita*¹⁵ e o *Ritual de Emulação*. Contudo não nos compete através deste trabalho definir os princípios em que se baseia a maçonaria, as suas origens históricas, a diferenciação dos seus ritos ou a organização interna de um templo maçónico.

Como já referimos, este artigo pretende limitar-se a descrever o trabalho pictórico realizado nos tetos das duas salas remodeladas do principal Templo do Porto. O desafio

de maio de 1773 acabava com a discriminação que se exercia entre Cristãos-velhos e Cristãos-novos; Criou a 1ª região demarcada do mundo em 1756 (Companhia para a Agricultura das Vinhas do Alto Douro); Criou em 1773 a Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve; A educação que era dominada quase exclusivamente pela igreja, através da Companhia de Jesus, passou-a para a responsabilidade do estado, reestruturando então a Universidade de Coimbra e extinguindo a Universidade de Évora que pertencia aos Jesuítas; Realizou uma reforma completa no campo da economia e das finanças, permitindo um grande desenvolvimento da indústria portuguesa, principalmente a exportadora, como foi o caso da cerâmica, e impediu a importação de produtos das então potências hegemónicas da época (Alemanha, França e Inglaterra).

9 LEIGH & BEIGENT (2013).

10 A maioria das pessoas confunde os termos Templo Maçónico e Loja Maçónica. O Templo é um espaço físico onde reúnem geralmente várias Lojas. Uma loja é uma estrutura formada por homens (maçons) que reúnem regularmente praticando um determinado rito que adotaram.

11 Júlio Santana Meirinhos, é uma das personalidades portuguesas mais influentes no domínio político e da cultura (língua e culturas mirandesas). Exerceu ao longo da sua carreira diversos cargos políticos, tendo obtido vários prémios e condecorações. Atualmente é uma das personalidades mais influentes, a nível mundial, na maçonaria.

12 O *Rito Escocês Antigo e Aceite* foi organizado a partir de 1804 e deriva do *Rito de Heredom*, praticado na época em que os Cavaleiros Templários fugiram para a Escócia. Está intimamente ligada ao Antigo Testamento bíblico e à *Lenda de Hiram* (lenda que está na base de toda a maçonaria simbólica).

13. O *Rito Escocês Retificado*, também conhecido como *Rito de Willermoz* (o seu fundador), foi criado nos anos 20 do século passado e, inspira-se profundamente nos princípios da cavalaria, mais propriamente dos Cavaleiros Templários.

14 O *Rito de York* é o mais influente na sociedade americana e baseia-se num teísmo profundamente cristão. Fundado em 1799, é o rito mais antigo e é o que tem mais seguidores a nível mundial.

15 O *Rito Adonhiramita* esteve durante muito tempo a ser praticado apenas no Brasil e está ligado aos conceitos do ecumenismo, do esoterismo, da alquimia, do hermetismo, do sincretismo e da cabala.

consistiu em representar através de uma composição pictórica e escultórica o *conceito* inerente à cultura maçónica, designado de *Abóbada Celeste*, que se aplica ao teto do templo do *Rito Escocês Antigo e Aceite* (R.:E.:A.:A.:), no espaço remodelado da G.:L.:L.:P.: / G.:L.:R.:P.: da cidade do Porto, inaugurado em Julho de 6016 pelo Grão Mestre Júlio Meirinhos, onde foram construídas duas salas para o R.:E.:A.:A.: A, cuja remodelação da arquitetura interior esteve a cargo do Arquiteto Carlos Almeida Ribeiro.

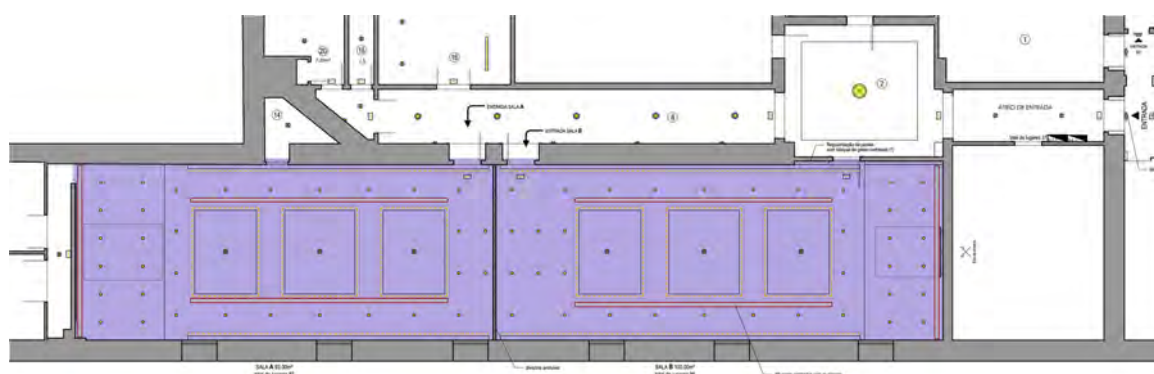


Figura 1 – Salas onde foi realizada a Abóbada Celeste.¹⁶

Na **Figura 1** está representada a planta do espaço de intervenção constituído por suas salas: Sala A com 93 m² e 87 lugares (lado esquerdo); Sala B com 100 m² e 96 lugares (lado direito).

Não existindo uma parede divisória fixa entre as duas salas, apenas placas de madeira amovíveis, permite retirando a divisória, a realização de grandes reuniões como uma *Grande Loja*. Para o efeito e dado que o *Oriente* da sala A é de maiores dimensões, basta fazer correr a cortina negra do Oriente da sala B, cobrindo o respetivo delta luminoso, para passar a funcionar apenas um espaço que permite a existência de mais de uma centena de lugares.

Dado que a normalidade em termos funcionais será o trabalho contínuo nos dois espaços designados, a decoração ao nível da pintura e dos elementos simbólicos foi repetida, permitindo que duas *Lojas* reúnam ao mesmo tempo.

¹⁶ Projeto do Arquiteto Carlos Almeida Ribeiro.

DEFINIÇÃO MAÇÓNICA DE ABÓBADA CELESTE

Convém desde já referir que sobre esta temática não encontramos qualquer tipo de manual oficial, com regras previamente estabelecidas e aprovadas superiormente, com a designação dos elementos simbólicos a colocar no teto de um *Templo* do R.:E.:A.:A.:, bem como da sua distribuição em termos de composição. Limitamo-nos a indicações e sugestões, que desde os séc. XVIII e XIX nunca coincidiram, pelo que nos atrevemos a considerar que as propostas encontradas, partem das orientações e interpretações pessoais de mestres, associados à criatividade e destreza psicomotora do artista que executou a obra.

Na maçonaria, a oralidade (BONDARIK, 2010) é característica dominante, fruto de um passado que se exigia de secretismo, não só devido às perseguições havidas em determinados períodos da nossa história, mas fundamentalmente porque a compreensão dos conhecimentos esotéricos tem como suporte a lenda e o símbolo (MACKEY, 1869). Tendo em conta que a lenda é fruto exclusivo da tradição, sem qualquer tipo de documento histórico que demonstre a sua autenticidade, podemos concluir que a sua origem está na oralidade. Contudo é necessário que o leitor compreenda que estamos perante um procedimento de carácter pedagógico em relação aos iniciados nesta ordem (*aprendizes e companheiros*), já que se não existe conteúdo, o objetivo é estabelecer doutrina filosófica. Portanto não se coloca aqui o contexto científico! Logo os dois modelos pedagógicos de aprendizagem baseiam-se em símbolos e lendas. Devemos mesmo considerar que estamos no mundo do *criticismo* de Kant (MOYA, 2013) já que a análise crítica da origem, do valor e dos limites do conhecimento racional constituem-se no ponto de partida da reflexão filosófica.

Para crer em Deus basta erguer o olhar para cima (PLATÃO, 428 – 348? a. c.)

No campo da arquitetura serão os romanos a construir edifícios com o teto em forma de abóbada nos templos religiosos, embora em honra dos deuses romanos, herdados da cultura religiosa grega. Sabemos que a cobertura dos templos gregos era de madeira na base de uma estrutura de traves entrelaçadas horizontalmente (JANSON, 1992), o mesmo sucedeu com outras civilizações como a Egípcia e a Egeia (Cicládica, Minoica e Micénica). Portanto a forma em abóbada é comum aos templos religiosos romanos e posteriormente, adotada aos templos cristãos (HANI, 2001). Na cultura religiosa islâmica este conceito simplesmente não existe, onde qualquer tipo de representação está ausente (BARRUCAND

& BEDNORZ, 1992). Desde sempre a abóbada de um templo pretende simbolizar o cosmos através da representação do “firmamentum” celeste, a morada dos deuses. No templo maçónico não se representam figuras humanas, deuses ou santos na *Abóbada Celeste*. Simplesmente representa-se o teto do verdadeiro templo da humanidade, se considerarmos simbolicamente a Loja através um significado universal (LEADBEATER, 1923).

Quando falamos sobre maçonaria, estamos perante uma sociedade com uma cultura hermética¹⁷ sob o ponto de vista filosófico, onde a cultura maçónica apropriou-se ao longo dos tempos de várias correntes místicas e filosóficas que começam na civilização egípcia, na astrologia, na alquimia, na Caballah, no exoterismo medieval cristão e no pensamento Rosacruz. Tal é o caso da religião praticada no Antigo Egito através da valorização do culto do Sol e da astrologia, representados no teto do Templo de Luxor (CASTELLANI, 2012). Posteriormente esta prática influenciaria os povos da Antiga Grécia, o Romano e o Judeu.

Relativamente à *Abóbada Celeste*, seja num Templo do R.:E.:A.:A.:, num Templo Católico ou num templo Judaico, podemos concluir que existe uma perspetiva comum no que respeita ao pensamento filosófico místico judaico-cristão, cuja base encontramos logo nos cinco primeiros versículos do livro bíblico de Génesis:

“No princípio Deus criou os céus e a terra.

1. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.
2. Disse Deus: "Haja luz", e houve luz.
3. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.
4. Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia” (Livro do Génesis 1).

São estas as palavras que determinarão a divisão em duas partes do Templo de Salomão (tabernáculo) e dos templos cristão e maçónico. Se no Templo de Salomão o “Santo dos Santos” era o local mais sagrado onde estava a *Arca da Aliança*, lugar de acesso reservado aos sacerdotes (GEST, 2012) da tribo de Levi, no templo cristão o “Altar” é o espaço reservado aos sacerdotes e onde se encontram objetos sagrados como a Âmbula, o Cálice, o Ostensório e o Crucifixo. No templo maçónico o “Oriente” é o lugar reservado

¹⁷ O hermetismo é o campo de estudo e prática da filosofia oculta.

fundamentalmente ao Venerável-mestre e onde se encontram elementos simbólicos considerados sagrados como o Delta Luminoso e o Candelabro de três velas. Todos os elementos e objetos simbólicos referidos representam o sagrado através da **Luz**, que por sua vez se associa ao **Conhecimento** e consequentemente, ao **Poder**.

O restante espaço do templo de Templo de Salomão tinha a designação de “Santo” (HORNE, 1991) e era reservado aos fiéis que assistiam ao ritual judaico. No caso do templo cristão a zona dedicada aos fiéis tem a designação de “Nave”. No templo maçónico o lugar destinado aos *Aprendizes*, *Companheiros* e *Mestres* designa-se de “Ocidente”. Nos três casos referidos estamos perante um espaço de aprendizagem e, portanto, “sem luz”, permitindo a necessária concentração para a aquisição do conhecimento (DAVIS, 2013). Em qualquer das situações, o primeiro espaço referido (“Santo dos Santos”, “Altar” ou “Oriente”) está sempre num plano superior.

Se no teto do templo religioso são fundamentalmente representados símbolos e figuras humanas (Jesus Cristo, apóstolos e santos), geralmente inseridas numa composição espacial (GOMBRICH, 2014). No templo maçónico do R.:E.:A.:A.: representa-se a imagem do universo estrelado com o sol, os planetas do nosso sistema solar, constelações, nuvens e símbolos, estando ausente qualquer tipo de representação da figura humana. No que respeita à representação pictórica da abóbada celeste existe apenas um elemento comum entre o templo cristão e o templo maçónico e que consiste na representação do céu e do firmamento.

Com a evolução da arquitetura a forma de abóbada no “Altar” e no “**Oriente**” deixou de ser realizada nos novos templos, passando a ser um plano horizontal. Quando se constitui um novo templo maçónico, raras são as vezes que se parte de uma estrutura arquitetónica projetada com as dimensões em harmonia com os antigos rituais e baseadas em princípios geométricos como a *medida áurea*. Raros são templos da Maçonaria que possuem a forma de uma abóbada no *Oriente*, pelo que a representação pictórica está limitada a um espaço arquitetónico constituído por um teto plano e com um pé bastante baixo, como foi o caso do presente projeto.

SIGNIFICADO E SIGNIFICÂNCIA SIMBÓLICA NA DICOTOMIA MAÇÓNICA

A maçonaria deve ser traduzida através de uma dicotomia ao nível da linguística. Esta questão colocou-se a Platão, Sócrates e Aristóteles, quando observavam na *Alma* o lugar privilegiado da Razão, da Sabedoria e da Ciência. Neste sentido o Corpo é secundário já que erra e permite o enfraquecimento do pensamento. Estamos perante a visão idealista do universo em que se baseia a Maçonaria e que nasce na Grécia Antiga:

“Nada caracteriza melhor o homem do que o fato de pensar”
(ARISTÓTELES, 384 – 322 a. C.).

“Tudo era um caos até que surgiu a mente e pôs ordem nas coisas”
(ANAXÁGORAS, 500 - 428 a.C.).

É esta a razão porque a Maçonaria se baseia fundamentalmente em símbolos. Como tal *significante* e *significado* (PIETROFORTE, 2004) têm uma importância crucial na leitura que se realiza sobre o signo da **Figura 2**.



Figura 2 – Acácia¹⁸.

O *Significante* é a forma. O *Significado* é o conceito (conteúdo). Portanto o *Signo* é formado através do conjunto indissociável do *Significante* e do *Significado*. No caso da **Figura 2** estamos perante um *Signo*, onde a palavra acácia é o *Significante* e a imagem da folha é o *Significado* (conteúdo). A disciplina que se ocupa do estudo dos símbolos é a semiótica (ECO, 2009).

Entre Signo e Símbolo o espaço linguístico é muito curto porque o *Símbolo* não deixa de ser um Signo representado de forma abstrata. Na maçonaria o *Símbolo* é o elemento mais

¹⁸ Elaboração própria.

importante e essencial em todo o processo de comunicação entre os seus membros, mas também o método pedagógico utilizado na instrução em qualquer dos inúmeros graus existentes. Contudo a comunicação através do *Símbolo* nem sempre assume a forma seja abstrato como na **Figura 2**, ou como no caso da representação do Grande Arquiteto do Universo (G.:A.:d.:U.:), através da forma abstrata triangular do “*Delta Luminoso*”. Muitas vezes assume a forma realista como na imagem representativa da Lua, situada sobre o *Primeiro Vigilante* (1.º V.:).

OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA ABÓBADA CELESTE

Se o rigor é apanágio da estrutura maçónica, a realização de uma composição meramente decorativa impediria certamente que se atingissem os objetivos e a plasticidade que se pretende com um

“ambiente fraternal e propício para concentrar sua atenção e esforços para melhorar seu caráter, sua vida espiritual e desenvolver seu sentimento de responsabilidade, fazendo-lhes meditar tranquilamente sobre a missão do homem na vida, recordando-lhes constantemente os valores eternos, cujo cultivo lhes possibilitará acercar-se da verdade” (ZAPOLLA, 2002).

Se referirmos a “prancha” realizada por Ribeiro (2015), onde refere

“A abóboda decorada com os corpos celestes simboliza também a abertura da consciência do homem, a sua transcendência, como que um passo mais na percepção da existência de um Ser Supremo”.

Entendemos a importância que tem na criação do ambiente de caráter dramático que está em sintonia com o ritual que se vai praticar durante a sessão e que assume um caráter SAGRADO.

Um dos aspetos que mais distrai os fiéis num templo religioso católico são as representações humanas onde se exagera na expressão de sofrimento e também na exagerada decoração “barroca” coberta com folha de ouro. Qualquer tipo de representação humana ou facial como uma máscara destrói todo o ambiente de concentração e reflexivo que se pretende num templo, seja qual for a sua associação religiosa ou filosófica. Facilmente a nossa consciência passa a realizar leituras de ordem estética e dramática, abandonando qualquer tipo de experiência meditativa.

Em sentido contrário, a representação celestial das constelações, planetas e satélites, ausente de elementos figurativos humanos, na composição da *Abóbada Celeste* permite criar o ambiente de abertura da consciência pessoal através da concentração, propício à contemplação, reflexão e meditação (KAPLAN, 2008), com o intuito de fomentar a atenção sobre o ritual do R.:E.:A.:A.:

Como já foi referido por nós, não existe uma descrição escrita e objetiva acerca *Abóbada Celeste* num Templo Maçónico bem como da época em que surgiu e respetivo lugar (ARAÚJO, 2008). A primeira descrição (CHURTON, 2011) teria sido realizada por Elias Ashmole (1617 – 1692) e está representada na Figura 4. O desenho desta descrição foi realizado no Brasil a pedido da Loja Simbólica “Stella Matutina” nº 658, tendo-se tornando como referência em vários templos deste nosso país Irmão.

Albert Pike (1872) em “Moral e Dogma” refere que no *Rito de York* as dimensões da Loja como sendo

“Ilimitadas e cobrem não menos do que a abóbada celeste... A mente do Maçom é continuamente dirigida a esse objeto”, dizem eles, “e ele espera chegar ali com a ajuda da escada teológica que Jacó, em sua visão, viu subindo da terra para o Céu; as três voltas principais eram chamadas de Fé, Esperança e Caridade; e que nos lembra de ter Fé em Deus, Esperança na Imortalidade e Caridade para com toda a Humanidade”.

Mais refere que os antigos contavam sete planetas (Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno), não referindo a respetiva posição na Abóbada Celeste. Relativamente ao Sol e à Lua refere

“Os Mestres da Luz e da Vida, o Sol e a Lua, são simbolizados em todas as Lojas pelo Mestre e pelos Vigilantes; e isto torna dever do Mestre prover luz para os Irmãos, por si próprio e através dos Vigilantes, que são seus ministros”.

Podemos por estas palavras compreender a associação do Sol ao *Venerável Mestre* e a Lua aos *1.º e 2.º Vigilantes*. Dada a posição do *Venerável Mestre* no Oriente e dos *1.º Vigilante* e *2.º Vigilante* no Ocidente, facilmente depreenderemos a existência do espaço de **Luz no Oriente** e de **Escuridão no Ocidente** do Templo¹⁹.

¹⁹ No espaço físico da maçonaria, designado de Templo as posições dos elementos simbólicos e dos maçons é definida através dos pontos cardeais (Oriente – Ocidente e Norte – Sul). O Oriente é o local mais elevado do Templo através de 3 degraus de escadas relativamente ao Ocidente. A posição Oriente num templo maçónico não tem de estar alinhada com o verdadeiro Oriente geográfico, como no caso de alguns templos cristãos e muçulmanos. Recordo que estamos no mundo simbólico.

Como temos vindo a referir as considerações realizadas sobre a *Abóbada Celeste* não assumem verdadeiramente a condição de um esquema a ser cumprido, a partir de um projeto gráfico, nas publicações consultadas.

Encontramo-nos mais perante uma questão de carácter filosófico ao nível da interpretação já que o procedimento para a elaboração de uma *Abóbada Celeste* é de carácter existencial e valorativo, não se constituindo numa mera solução de científica ou técnica.

Na **Figura 3** elaborámos um esquema a partir da revisão da literatura consultada sobre o tema onde os elementos colocados (constelações e planetas) estão sujeitos aos princípios da filosofia maçónica definidos nos *Landmarks da Maçonaria* (ANDERSON, 1734) e nos respectivos rituais do R.:E.:A.:A.: A interpretação que realizámos está dependente do significado e da significância dos elementos simbólicos na base duma interpretação maçónica.

Partimos do princípio científico que a *Abóbada Celeste*, cuja designação deve ser *firmamento*, que visualizamos fisicamente durante a noite, está dentro do que se designa de trigonometria esférica. Dividimos a circunferência obtida da **Figura 3** em dezasseis partes correspondendo aos pontos cardeais com os respectivos graus de posição. Para o efeito dividimos a circunferência em 4 partes iguais, correspondendo aos 4 pontos cardeais e às 4 paredes do templo. Considerámos o espaço do **Oriente maçónico**, compreendido entre Nordeste | 45° e Sudeste | 135°, correspondendo às posições fixas do *Secretário* e do *Orador* respetivamente, situando-se o *Venerável-Mestre* na posição *Oriente* | 90°. O espaço do **Ocidente maçónico**, a *Norte* foi colocado entre as direções Noroeste | 315° e Nordeste | 45°, a Sul entre as direções Sudeste | 135° e Sudoeste | 225° e a Ocidente entre as direções Noroeste | 315° e Sudoeste | 225°. Na referida posição Norte situámos os oficiais *Hospitaleiro* e *Experto*, sendo este o espaço ocupado pelos *Aprendizes*^{20.21} A Sul encontramos o *Tesoureiro* e o 2.^a *Vigilante*, constituindo-se o espaço ocupado pelos *Companheiros* e *Mestres*.

²⁰ Embora seja o “lugar do Aprendiz”, os Companheiros e Mestres podem ocupar também esses lugares, se assim o entenderem. No entanto e a Sul, só se podem sentar-se os Companheiros e os Mestres.

A Ocidente situamos o 1.º Vigilante, Mestre-de-Cerimónias, o Guarda Interno e o Organista. Fora da circunferência, mas neste espaço angular situámos o Guarda Externo.

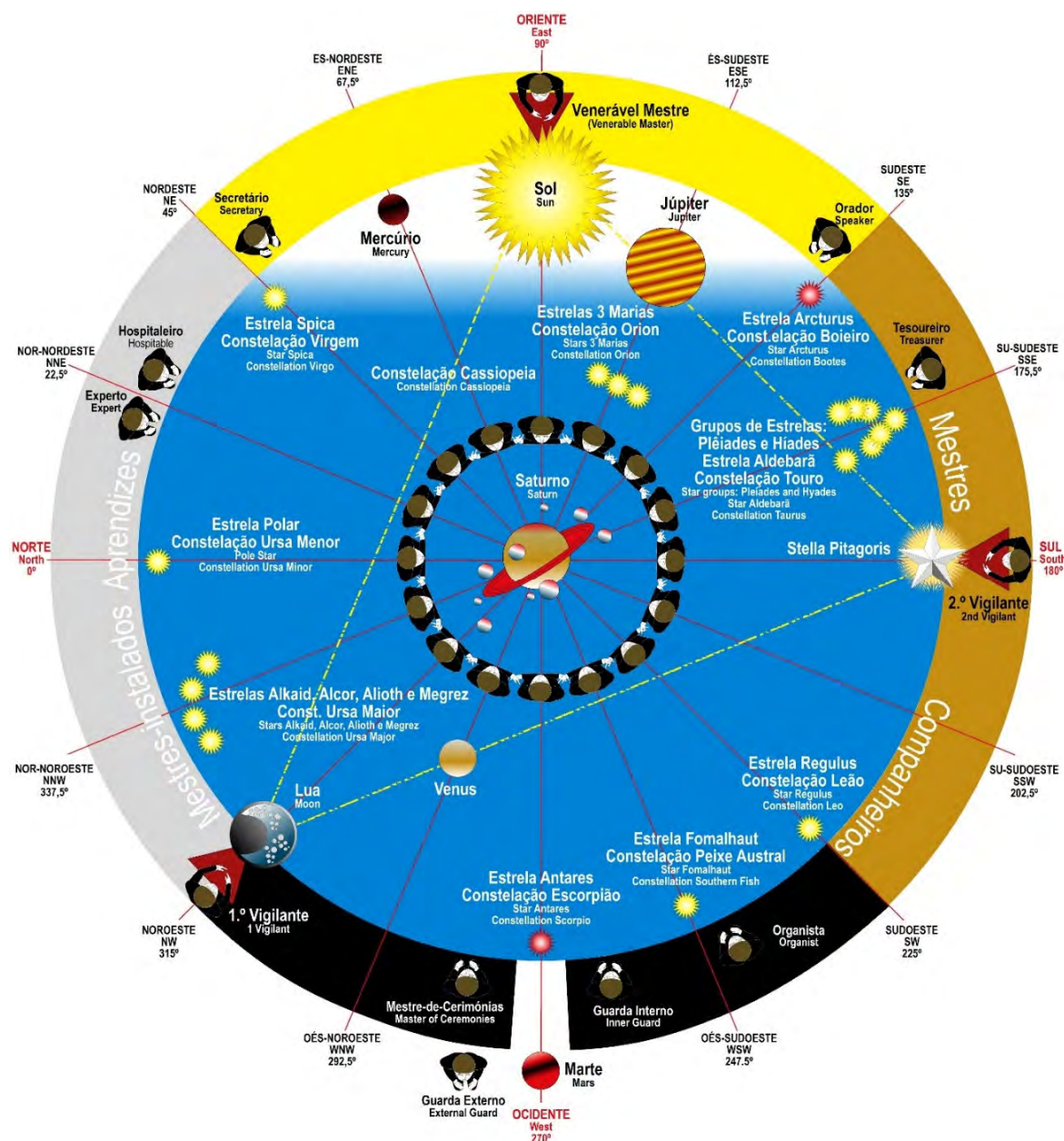


Figura 3 – A Abóbada Celeste baseia-se na centralidade dos elementos simbólicos associados aos elementos humanos²².

²² Elaboração própria.

Definido um Firmamento simbólico, colocámos as constelações com as respetivas associações simbólicas. No lado Norte, a Estrela **Spica** da Constelação Virgem, associada ao Secretário foi colocada na direção Nordeste | 45°. A direção Norte | 0° compreende, portanto, a estrela **Polar** da constelação Ursa Menor, a maior das referências direcionais do hemisfério Norte. As estrelas **Alkaid**, **Alcor**, **Alioth** e **Megrez** da constelação Ursa Maior estão situadas na direção Nor-noroeste | 337,5° por corresponderem aos *Mestres-instalados*, devendo ser essa a sua posição de ocupação no tempo.

No lado Sul, a estrela vermelha **Arcturus** da constelação Boieiro, ao corresponder ao *Orador*, está situada na direção Sudeste | 135°. Na constelação Touro, podemos observar os grupos de estrelas **Plêiades** que correspondem aos *Mestres*, e as **Híades** correspondendo aos *Companheiros*. Neste grupo ainda existe a estrela **Aldebarã** que corresponde ao Tesoureiro e como tal está sobre a direção Su-sudeste | 175,5°. A estrela **Regulus** da constelação Leão está situada na direção Sudoeste | 225°. Corresponde ao Mestre-de-cerimónias (contudo na G.:L.:L.:P.: / G.:L.:R.:P.: este oficial está situado no lado Ocidente a Noroeste | 292,5°. A estrela **Formalhaut** da constelação Peixe Austral corresponde ao *Chanceler*, cargo inexistente em Portugal.

Na posição Ocidente | 270° foi colocada a estrela avermelhada **Antares** da constelação Escorpião e que corresponde ao *Guarda Interno*.

Perto do Oriente estão ainda representadas as constelações Cassiopeia e Orion com as estrelas **Três Marias** correspondendo aos *Aprendizes*.

As **Três Luzes da Loja** (*Venerável-mestre*, *1.º Vigilante* e *2.º Vigilante*) estabelecem uma triangulação cujos vértices estão associados respetivamente ao **Sol**, à **Lua** e à **Stella Pitagoris**.

Júpiter ao corresponder ao Past. Venerável-mestre, está situado perto do Oriente na direção És-sudeste | 112,5°. **Mercúrio** ao corresponder ao *Hospitaleiro* está perto deste oficial na direção Nordeste | 45°.

Vénus está situado na direção Oés-noroeste | 292,5° e corresponde ao *2º Diácono*, cargo inexistente em Portugal. Como é o “mensageiro do dia” está também associado ao *Experto*.

Finalmente **Marte**, planeta que está associado ao *Guarda Externo*, simboliza a guerra e portanto está no exterior do Templo na direção Ocidente | 270°.

Este esquema acima de tudo fez-nos compreender um dos princípios em que assenta esta “Irmandade” e tem a ver com a *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, simbolizada através de **Saturno**. Este planete assume toda a centralidade simbólica, ao ser estabelecida sob ele a *Cadeia de União*.

Definido e identificado o conceito, entendemos então adaptá-lo a um espaço retangular de um templo. Na descrição que vamos passar a descrever, para uma melhor compreensão do leitor, realizamos o esquema elucidativo da Figura 4.

Nesta descrição será conveniente esclarecer que não vamos abordar os oficiais que compõem uma loja, respetivas funções, bem como a posição dos outros elementos (Mestres, Companheiros e Aprendizes), por não fazer parte do tema explorado. Contudo será importante mencionar que os *Aprendizes* se sentam exclusivamente no Norte. Esta é a justificação da existência das nuvens no Norte, a cobrir o céu estrelado, permitindo, no entanto, visualizar as constelações Virgem, Ursa Menor e Ursa Maior. Os *Aprendizes* ainda estão numa fase de obtenção do conhecimento e, portanto, a simbólica visão do universo ainda é limitada.

O leitor também deve realizar a presente leitura interpretativa, relativamente às constelações, estrelas, planetas e satélites, situando-se historicamente no séc. XVIII, onde o conhecimento baseava-se em pressupostos simbólicos, sendo muito limitado. No caso de Saturno estão apenas representados os nove satélites então conhecidos. A leitura assume, portanto, um carácter simbólico e não científico, baseada fundamentalmente nas ideias da época em que os elementos representados na *Abóbada Celeste* exerciam uma influência direta sobre o homem, na vida real. Importa desde já considerar também que a posição das estrelas, constelações, planetas e satélites, se adequam ou coincidem com a posição no templo dos participantes na cerimónia ritual, sejam *Aprendizes, Companheiros, Mestres* ou *Oficiais*. Contudo a coincidência da posição com representação no teto só existe relativamente ao *Venerável Mestre* (iluminado pelo Sol), ao *Primeiro Vigilante* (iluminado pela Lua) e ao *Segundo Vigilante* (iluminado pela *Stella Pitagoris*). Daí que designamos como as “3 Luzes de uma Loja” estes oficiais que a dirigem efetivamente. No que respeita às constelações e respetivas estrelas, estão representadas próximas dos elementos que representam, como já

referimos. Como o *Oriente* está iluminado, não se observam constelações. Esta é a justificação para colocar próximo do *Oriente* a Constelação Virgem que rege o *Secretário*, o mesmo sucedendo com a Constelação Boieiro que rege o *Orador*, oficiais que também se sentam no *Oriente* iluminado.

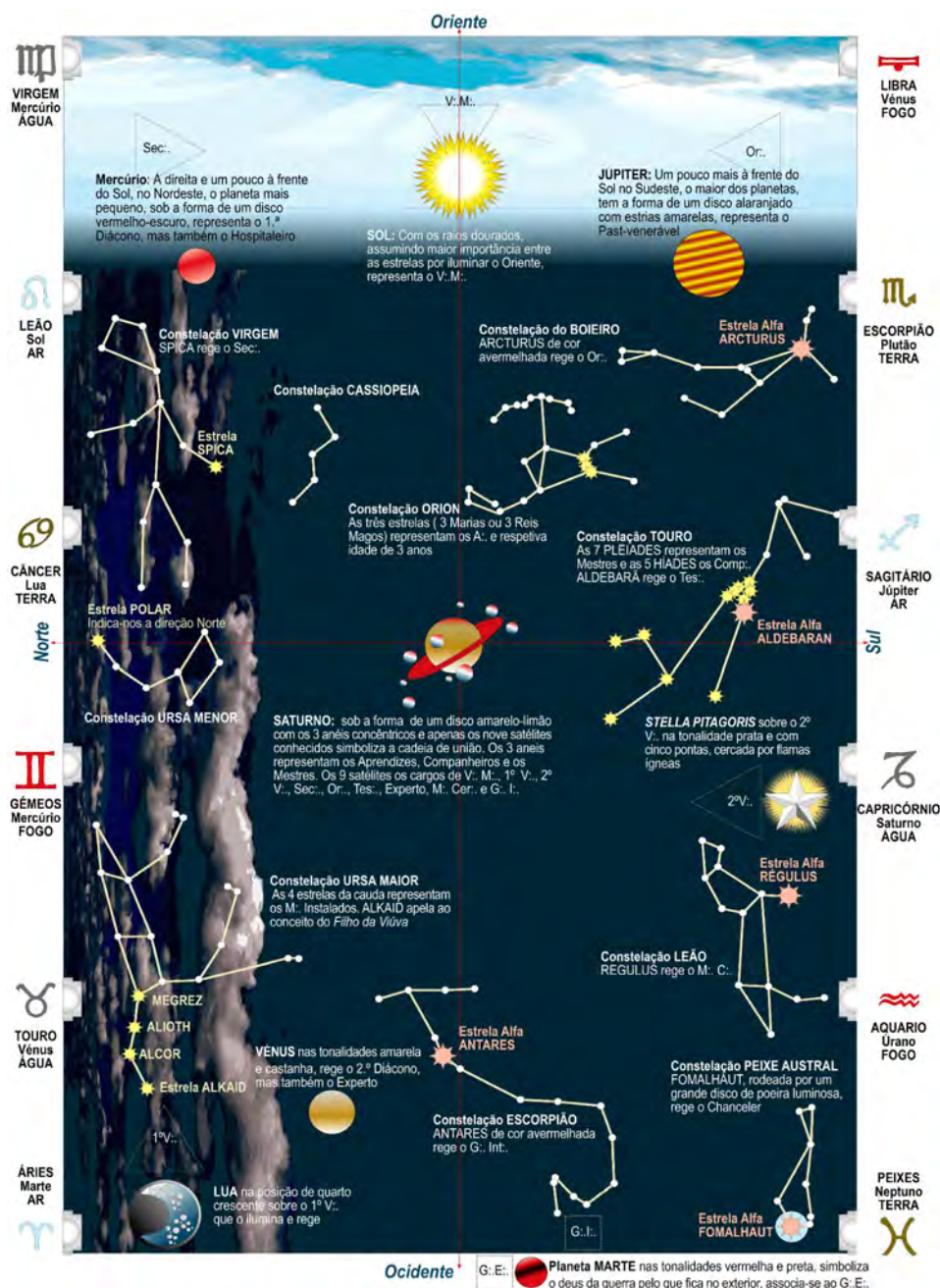


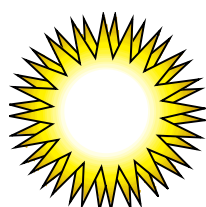
Figura 4 – Descrição visual da Abóbada Celeste²³.

²³ Elaboração própria.

Nas 10 constelações identificadas na *Abóbada Celeste*, mais propriamente nas posicionadas no lado *Sul*, algumas possuem uma estrela designada de “Estrela Alfa”. Tecnicamente esta classificação surge dentro da tradição maçónica e, portanto, não assume um carácter científico já que todas as constelações possuem uma “Estrela Alfa”. “Alfa” é a primeira letra do alfabeto grego e no presente caso será a estrela mais brilhante da respetiva constelação.

POSIÇÃO DAS ESTRELAS E CONSTELAÇÕES

O Templo Maçónico inspira-se no Templo de Salomão, constituído também por dois espaços (Santo e Santo dos Santos). No presente caso o espaço está dividido em *Oriente* e *Ocidente*, conforme a Figura 4. Neste espaço simbólico designado de *Oriente* existe LUZ por que o **SOL**, situado um pouco à frente do *Venerável Mestre*, ilumina-o ao nível da **Sabedoria**. O restante espaço está escurecido permitindo visualizar na imensidão celestial os principais planetas e constelações (OLIVIER, 2003). Contudo a “*Norte*”, onde se sentam os *Aprendizes*, “lugar das trevas e do não conhecimento”, a dificuldade é maior porque a existência de nuvens dificulta a visualização do céu estrelado. Todas as publicações antigas referem apenas esta transição do dia ou da “Luz” (“*Oriente*”), para a noite ou para as “Trevas” (“*Ocidente*”).

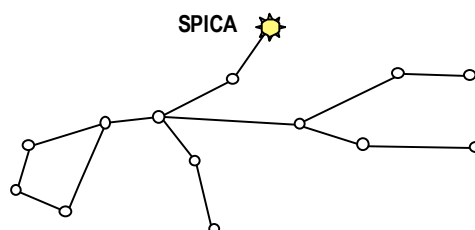


SOL – Sendo a estrela central do sistema solar, foi ao longo dos tempos adorada pelos diferentes povos da antiguidade por permitir a existência de vida no nosso planeta, considerando-o como uma deidade solar, sendo construídos vários monumentos em sua honra. O Sol ocupa um espaço privilegiado na *Abóbada Celeste*, no eixo central, à frente do *Venerável Mestre*, iluminando-o representando-o, no “*Oriente*”.

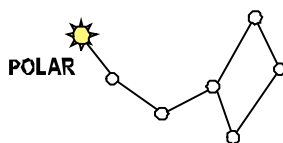
A representação das estrelas principais, para além do Sol, estão inseridas em constelações, enquanto áreas definidas na *Esfera Celeste* e agrupadas em torno de asterismos. O asterismo constitui um padrão verificável de estrelas durante a noite (LAVRADOR, 2015)

Na *Abóbada Celeste* estão representadas 10 constelações, das 88 reconhecidas pela União Astronómica Internacional (U.A.I.), desde 1922. Foi Ptolomeu no séc. II, através do seu tratado de matemática e astronomia designado de *Almagesto*, quem identificou na época 48 constelações, embora as primeiras tenham sido registadas na cultura babilónica. As restantes 40 seriam identificadas entre os séc. XVII e XVIII. Mesmo assim ainda existem outras constelações não reconhecidas de origem chinesa e hindu, principalmente.

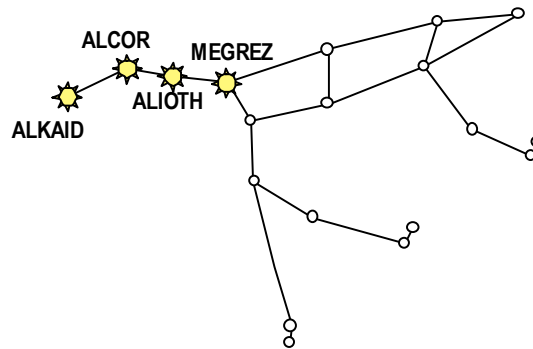
Começando a descrição pelo lado *Norte*, observamos a existência de três constelações.



CONSTELAÇÃO VIRGEM – Situado junto ao *Oriente* observamos a constelação Virgem, onde se destaca a estrela alfa **SPICA** (*Alfa Virginis*, traduzida em latim por “espiga”) que rege o *Secretário* (os instrumentos de escrita usados pelos gregos e romanos eram feitos a partir de caules ocos designados de “spicula”). Na mitologia, *Témis*, deusa da justiça, ascendeu aos céus desgostosa com o comportamento humano. Também se identifica como sendo *Astreia*, filha de *Zeus* e de *Témis*, e que teria habitado a terra durante a Idade de Ouro. Posteriormente e com o enfraquecimento da humanidade, retirou-se para os céus onde se transformou na *Constelação Virgem*.

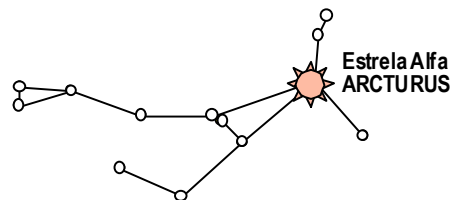


CONSTELAÇÃO URSA MENOR – Continuando a descrição é visível a constelação Ursa Menor, constituída por sete estrelas onde se distingue a Estrela **POLAR**, a grande referência que nos indica o Norte. Também conhecida como o “pequeno carro” foi reconhecida em 600 a. C. por Tales de Mileto. Para os gregos a Ursa Menor é Arcas, filho de Calisto (Ursa Maior), colocado no céu por Zeus.

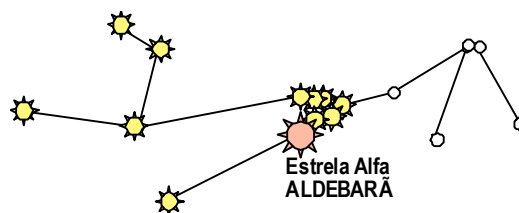


CONSTELAÇÃO URSA MAIOR – Sendo a constelação mais antiga conhecida, representa os *Mestres Instalados*, através das 4 estrelas da cauda e que se distinguem pela sua dimensão (**ALKAID**, **ALCOR**, **ALIORH** e **MEGREZ**). A última estrela da cauda designa-se de **ALKAID** ou Benetnasch. Estes dois termos fazem parte da frase da cultura árabe “quaid al banat ad nasch” que traduzida significa “a chefe dos filhos do ataúde Mário”. Apela ao conceito do “filho da viúva”, já que no Egito e na tradição árabe a Ursa Maior era representada através de um sarcófago (Osíris) e a sua Viúva (Hórus) em procissão fúnebre.

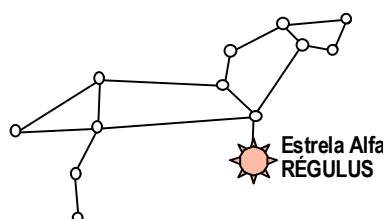
No lado *Sul* da *Abóbada Celeste* estão representadas 4 constelações. Começamos a descrição pela situada junto ao *Oriente*. A limpidez estrelar da noite escura indica que estamos nos lugares ocupados pelos *Mestres* e *Companheiros*.



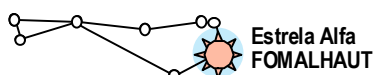
CONSTELAÇÃO BOIEIRO - Perto do Oriente observamos a constelação Boieiro, distinguindo-se a 1ª estrela alfa designada de **ARCTURUS** (no grego significa “guardião do urso”), possui cor avermelhada, corresponde ao cargo do *Orador*. Na mitologia grega representa o filho de Deméter, figura que foi premiada com o céu por ter inventado o arado.



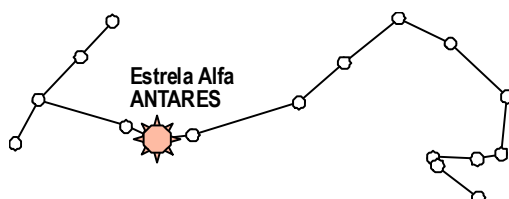
CONSTELAÇÃO TOURO - Na constelação Touro onde são bem visíveis as sete **PLÊIADES** (ou sete irmãs) que representam os *Mestres* (plêiade de homens justos) e as cinco **HÍADAS** (Hyades) dispostas em esquadrilha representando os *Companheiros*. Nesta constelação é bem visível a 2ª estrela alfa **ALDEBARÃ** que rege o cargo do Tesoureiro. Dentro da mitologia Zeus transformou-se em Touro para seduzir a Europa, nome de uma princesa fenício da época. Na mitologia egípcia os dois grupos (Plêides e Híades) eram associados à época das chuvas e, portanto, ao rejuvenescimento da natureza. Devemos lembrar que o Touro era associado na antiguidade à força e à fertilidade.



CONSTELAÇÃO LEÃO – Nesta constelação a estrela mais brilhante é **REGULUS** (“Alfa Leonis”), batizada por Nicolau Copérnico, significa “Regente”, correspondendo ao cargo de *Mestre de Cerimónias*. Na cultura greco-romana representa o leão de Nemeia, um dos monstros mortos por Hércules, que depois de o matar passou a usar a sua pele que por ser muito resistente permitiu vencer as outras criaturas da mitologia grega.

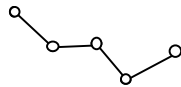


CONSTELAÇÃO PEIXE AUSTRAL – Na constelação Peixe Austral faz-se notar a 4ª estrela alfa **FOMALHAUT** (Alfa Piscis Austrinis) com o seu disco azulado de poeira luminosa, significando em árabe “boca do peixe do Sul”. Esta estrela representa o Chanceler (cargo inexistente em Portugal). Na mitologia esta constelação remonta à antiga Síria.

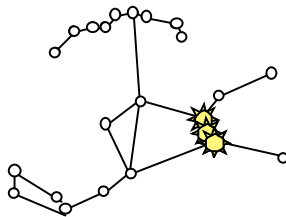


CONSTELAÇÃO ESCORPIÃO – Mesmo sobre o lado *Ocidente*, e no eixo central do templo, observa-se a Constelação Escorpião onde se destaca a 5ª estrela alfa **ANTARES** (“Alfa Scorpii”) de cor vermelha e que rege o *Guarda Interno*. Esta estrela foi muitas vezes confundida na antiguidade com o planeta Marte por serem da mesma cor. Esta constelação é visível no hemisfério sul durante o Inverno e no hemisfério norte durante o Verão. Na mitologia grega Scorpius é o escorpião que matou Orionte (Órion).

No eixo central são colocadas as constelações Cassiopeia e Órion.



CONSTELAÇÃO CASSIOPEIA – Situada perto do *Oriente*, simboliza os comportamentos e atitudes positivas e negativas dos maçons e que devem ser potenciadas ou corrigidas a partir do respetivo esforço individual, como o respeito, a tolerância, a fraternidade, a vaidade, o orgulho, etc.



CONSTELAÇÃO ÓRION –A maior visibilidade parece dirigir-se para a constelação Oríon onde se distinguem três estrelas em linha, designadas de "as Três Marias" ou "os Três Reis Magos". Estas três estrelas representam a “idade do Aprendiz”. Dentro da tradição árabe, a constelação Oríon tinha a designação de “a Ovelha de Cinto Branco”. Como sabemos o avental do *Aprendiz* no nos primeiros tempos da maçonaria era feito de pele de carneiro. Estas três estrelas regem os *Aprendizes*. Na mitologia as constelações Escorpião e Órion são inimigas pelo que devem ser colocadas muito afastadas, a primeira no eixo central perto do *Oriente* e a segunda no mesmo eixo, mas perto do *Sul*. Os caldeus designavam-na de Tammuz. Na mitologia grega Órion era um caçador, filho de Neptuno e da ninfa Euriale. Fisicamente era um gigante com muita força e muito hábil no uso do arco com flecha e tinha uma personalidade muito pouco humilde, gabando-se que se quisesse exterminaria todos os animais da Terra. Perante esta atitude arrogante a deusa Gaia, protetora da Terra e de todos os animais, enviou um escorpião que o mataria com a sua picada.

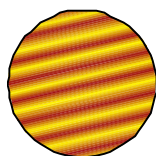
POSIÇÃO DOS PLANETAS E SATÉLITES



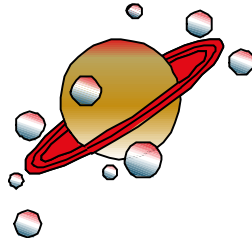
MARTE - Nos planetas a leitura que realizámos é do exterior para o interior, pelo que começamos por observar no teto à entrada do templo, o planeta **MARTE**, nas suas cores originais vermelha e preta. Considerado pelos gregos como o deus da guerra, não tem espaço no lugar onde se procura a *Paz* e a *Harmonia*. Faz parte do mundo profano, tendo a incumbência de “cobrir o templo” pelo que se associa ao *Guarda Externo*. Já referimos que a 5ª estrela alfa **ANTARES** da *Constelação Cassiopeia*, vermelha como o planeta **MARTE**, colocada sobre o *Guarda Interno* vai garantir a fronteira entre os mundos iniciático e profano. Este planeta foi registado pelos astrónomos do Antigo Egito.



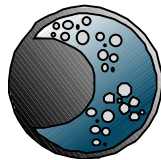
MERCÚRIO - No interior começamos a leitura a Nordeste onde está situado o planeta **MERCÚRIO**, em tonalidades de vermelho-escuro e que rege o 1º *Diácono* (cargo inexistente em Portugal), mas também ao *Hospitaleiro*. **MERCÚRIO** (Hermes para os gregos) é o mensageiro dos deuses, sendo o planeta mais pequeno do Sistema Solar. A sua descoberta deve-se aos astrónomos assírios.



JÚPITER - Na mesma posição relativamente ao Oriente, mas a Sudeste, observamos o maior dos planetas do nosso sistema solar, **JÚPITER** (Zeus para os gregos) em tonalidades estriadas que variam entre o amarelo e o laranja. Este planeta rege o *Past Venerável Mestre*, já que simbolicamente é o guardião do *Direito*, protetor do *Estado* e do *Matrimónio*. Na Babilónia representava o deus Marduke.



SATURNO - No eixo central do templo e a meio deste, encontramos o planeta **SATURNO** com os três anéis concêntricos e os nove satélites conhecidos na época, dos mais de setenta existentes, que representam os nove cargos: *Venerável Mestre, Primeiro Vigilante, Segundo Vigilante, Secretario, Orador, Tesoureiro, Chanceler, Mestre de Cerimonias e Guarda do Templo*. Os três anéis concêntricos representam os *Aprendizes*, os *Companheiros* e os *Mestres Maçons* pelo que este planeta rege a **Cadeia de União**. Deve, portanto, ser colocado sobre os quadros dos três graus.



LUA - Sobre o *1º Vigilante* está representado o satélite **LUA**, em tonalidades cinzentas e em quarto crescente, tendo a função de iluminar e reger este oficial. A **LUA** é o relógio mundial mais antigo, através das suas quatro fases, base de todos os calendários desde a antiguidade.



VÉNUS - O último planeta representado é **VÉNUS** em tonalidades amareladas e acastanhadas, situado perto do *Ocidente* entre o satélite **LUA** e a Constelação Escorpião. O Planeta **VÉNUS** rege o cargo de *2º Diácono* (cargo inexistente em Portugal). Existem publicações que o associam ao *Experto*. Também é designado de “estrela Vésper” por ser a primeira aparecer ao amanhecer, pelo que este planeta é identificado como o “mensageiro do dia”. Na mitologia é a deusa Afrodite para os gregos e Vénus para os romanos. É a deusa do Amor. O grande poeta português Luís Vaz de Camões, designa-a nos *Lusíadas* como a deusa que mais apoiava os heróis portugueses.

POSIÇÃO DA STELLA PITAGORIS



Sobre o 2º Vigilante e regendo este oficial está colocada a *Estrela Pitagórica* ou *Estrela Flamejante* com cinco pontas. O seu significado dirige-se para o *Homem Iluminado* que transcende a condição humana.

Estamos perante o pentagrama, que já era conhecido dos antigos sumérios, muito explorado pelo matemático grego Pitágoras, que descobriu nesta forma uma relação direta com o número áureo. Esta forma é usada nos campos místico e científico. No primeiro vamos confrontar com a célebre imagem criada por Leonardo da Vinci para o livro “A Divina Proporção” de Luca Pacioli, onde se representa a figura humana com os quatro elementos (ar, água, terra e fogo) coordenados pelo espírito (cabeça). Sob o ponto de vista científico reflete várias leis da matemática como os logaritmos, a sequência de Fibonacci, a espiral logarítmica, etc (JIMÉNEZ, 2013). No campo específico da maçonaria é a referência aos elementos (ar, água, terra e fogo) e ao espírito.

DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS EM CONTATO DIRETO COM A ABÓBADA CELESTE

As 12 COLUNAS ZODIACAIS - Embora os símbolos zodiacais não estejam representados na *Abóbada Celeste*, por estarem representados na parte superior das 12 colunas das paredes Norte e Sul, devem ser referidos dentro do mesmo contexto. Com a designação de *Colunas Zodiacais*, a sua disposição e significado simbólico é diferente nos hemisférios norte e sul. A disposição realizada corresponde a um templo situado no hemisfério norte e que passamos a descrever (**Tabela 1**).

Na parede Norte e no sentido do *Oriente* para o *Ocidente* observamos a seguinte sequência: *Virgem*; *Leão*; *Câncer*; *Gêmeos*; *Touro*; *Áries*.

Na parede Sul e no sentido do *Ocidente* para *Oriente* observamos a seguinte sequência: *Peixes*; *Aquário*; *Capricórnio*; *Sagitário*; *Escorpião*; *Libra*. Passamos agora através de uma tabela descrever a correspondência de cada signo, no hemisfério norte.

Signo	Associação estabelecida no Hemisfério Norte			
	Elemento	Cor	Planeta ou estrela	Grau
VIRGEM	ÁGUA	Azul-escuro	Mercúrio	Aprendiz
LEÃO	AR	Azul claro	Sol	
CÂNCER	TERRA	Castanho	Lua	
GÊMEOS	FOGO	Vermelho	Mercúrio	
TOURO	ÁGUA	Azul-escuro	Vénus	
ÁRIES	AR	Azul claro	Marte	
PEIXES	TERRA	Castanho	Neptuno	Mestre
AQUÁRIO	FOGO	Vermelho	Úrano	
CAPRICÓRNIO	ÁGUA	Azul-escuro	Saturno	
SAGITÁRIO	AR	Azul claro	Júpiter	
ESCORPIÃO	TERRA	Castanho	Plutão	
LIBRA	FOGO	Vermelho	Vénus	Companheiro

Tabela 1 – Os signos e respetivas associações simbólicas no Hemisfério Norte.

A CORDA COM 81 NÓS – Situada entre a parte superior das *Colunas Zodiacais* e a *Abóbada Celeste*, contorna as paredes do templo e simboliza a *União* e a *Fraternidade Maçónica Universal*. Os nós têm a designação de “laços de amor” e observamos 40 em cada um dos frisos das paredes Norte e Sul. O nó do meio da corda está situado a meio do friso da parede do *Oriente* sobre o *Venerável Mestre*. As extremidades da corda terminam de cada lado da porta de entrada do templo na parede *Ocidente*, através de dois pendentos (em forma de borlas) que simbolizam a *Prudência* e *Justiça*.

O PROJETO DE TRABALHO

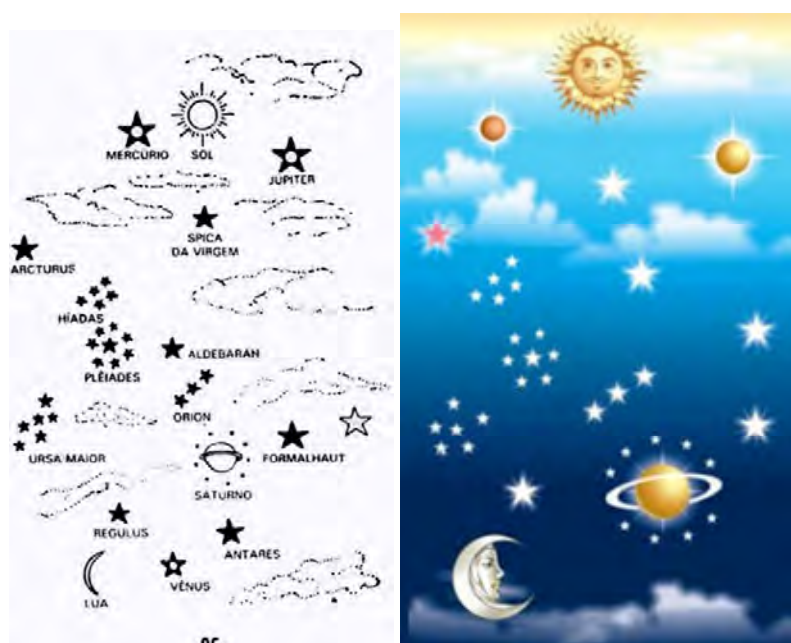


Figura 5 – Esquerda: Proposta da Loja Simbólica "Stella Matutina" nº 658. Direita: NO ESQUADRO (publicação online brasileira).

Entendemos que um projeto pictórico destinado a um determinado espaço deve ter como princípio elementar a sua integração. Depois de consultarmos várias imagens de tetos de templos, disponibilizados na internet²⁴ e em publicações, observamos como característica comum, a existência de uma estética com características *naif* (ingénuo) e dentro de uma estética mais decorativa do que simbólica. Não rejeitando este tipo de arte, mais desenvolvida no campo da pintura, que se caracteriza pela sua simplicidade das formas, pela sua deformação ao nível das proporções e de fácil leitura, entendemos que a representação das formas no espaço de um templo não deve assumir características decorativas e ingénuas (ECO, 2005). Outro aspeto observável e de grande importância tem a ver com o desenho das formas. Consideramos que os elementos de carácter simbólico devem assentar num procedimento geométrico de construção (CANOTILHO, 2009), ausente de qualquer linguagem de características “barrocas”. Entendemos também que os elementos simbólicos como as estrelas, planetas e constelações, quando representados em conjunto, devem respeitar entre si as reais proporções, a textura e a cor. No caso das constelações representadas entendemos que devem ser representadas na posição em que as observamos no céu noturno e sem alterar a sua dimensão. De outra formas não estaríamos a realizar uma caricatura da Abóbada Celeste?

No mundo do simbolismo também não pode haver mais do que uma interpretação ao nível do símbolo, e se ela existe, é devido ao pouco rigor na conceção do desenho e da generalização das formas. A título de exemplo, as estrelas principais em alguns tetos observados, ao não estarem inseridas na respetiva constelação, permitem diferentes hipóteses sobre a qual pertencem.

Na Figura 5 está representado o esquema de um teto do R.:E.:A.:A.: realizado a partir da proposta mais antiga conhecida (CHURTON, 2011), da autoria de Elias Ashmole (1617 – 1692). Esta proposta sem a colocação das principais estrelas na respetiva constelação impediria a sua identificação. O mesmo sucede com os astros que parecem mais sugerir estrelas. A título de exemplo a representação da constelação Ursa Maior não está correta. Na estampa referida, sem uma referência com nomes, apenas seríamos capazes de identificar o Sol e a Lua.

24 Loja A.R.L.S. Cavaleiros da Paz n.º 25; Loja ARLS Fraternidade Luz da Mantiqueira n.º 2327; Loja Profeta Issa n.º 1942; Loja Maçônica 25 de março.

Constelações	Dimensão representada			Estrela principal e secundárias	Cor da estrela real
	<i>Pequena</i>	<i>Média</i>	<i>Grande</i>		
Virgem	13	1		Spica	
Boieiro	11		1	ARCTURUS	Vermelha
Cassiopeia	5				
Touro	5	12	1	ALDEBARÃ. 3 Plêiades e 3 Hiades	Amarela
Órion	20	3		3 Marias ou 3 Reis Magos	
Ursa Maior	15	4		Alkaid, Alcor, Alioth e Megrez	
Ursa Menor	6	1		Polar	
Leão	12		1	RÉGULUS	Amarela
Peixe Austral	7		1	FOMALHAUT	Amarela com poeira luminosa
Escorpião	16		1	ANTARES	Amarela com aurela Vermelha
	110	21	5		

Tabela 2 - Dimensões das estrelas e constelações de cada sala.

Tendo em conta a planta fornecida e identificada na **Figura 1** decidimos inserir as estrelas nas respetivas constelações, representadas em volume para uma melhor identificação, através de três dimensões. A maior importância simbólica de algumas, obrigou à sua representação em maior grandeza e com raios na respetiva constelação (

Tabela 2). Contudo a Sul e a Ocidente ainda existem as designadas estrelas alfa apresentadas numa ainda maior dimensão: ARCTURUS; ALDEBARAN; RÉGULUS; FOMALHAUT; ANTARES. As constelações estão de acordo com a respetiva proporção entre si e na real posição direcional no universo visível, já que nos situamos no hemisfério Norte e temos como referência a Estrela Polar (**Figura 10**).

A representação dos astros e dos respetivos satélites também foi realizada volumetricamente, respeitando a sua verdadeira tonalidade e textura havendo, desde logo, preocupação pelas proporções entre si (**Tabela 3**), devendo ser referido que os elementos representados se limitam aos então conhecidos nos primórdios da maçonaria.

Planetas e sol	cor	1	2	3	4	5
Sol	Raios dourados (V.:M.:)					x
Lua	Quarto Crescente e prateada (1.º V.:)			x		
Estrela Flamejante	Prateada com raios dourados			x		
Júpiter	(Past. V.:M.:)				x	
Saturno	9 satélites e 3 anéis (os anéis representam os A.: C.: M.:)			x		
Mercúrio		x				
Vénus	Prateado		x			
Marte	Planeta da Guerra à entrada mas fora da sala			x		

Tabela 3 - Dimensões dos planetas e sol de cada sala.

As figuras 6 a 9 correspondem ao trabalho final realizado nos tetos e paredes das duas salas.



Figura 6 – Imagem com a pintura realizada nos tetos na Sala A com 93 m2 e 87 lugares. No fundo (Oriente) observa-se a luz, o delta luminoso e o sol com iluminação própria e realizados tridimensionalmente.



Figura 7 - Imagem com a pintura realizada nos tetos na Sala B com 100 m2 e 96 lugares.

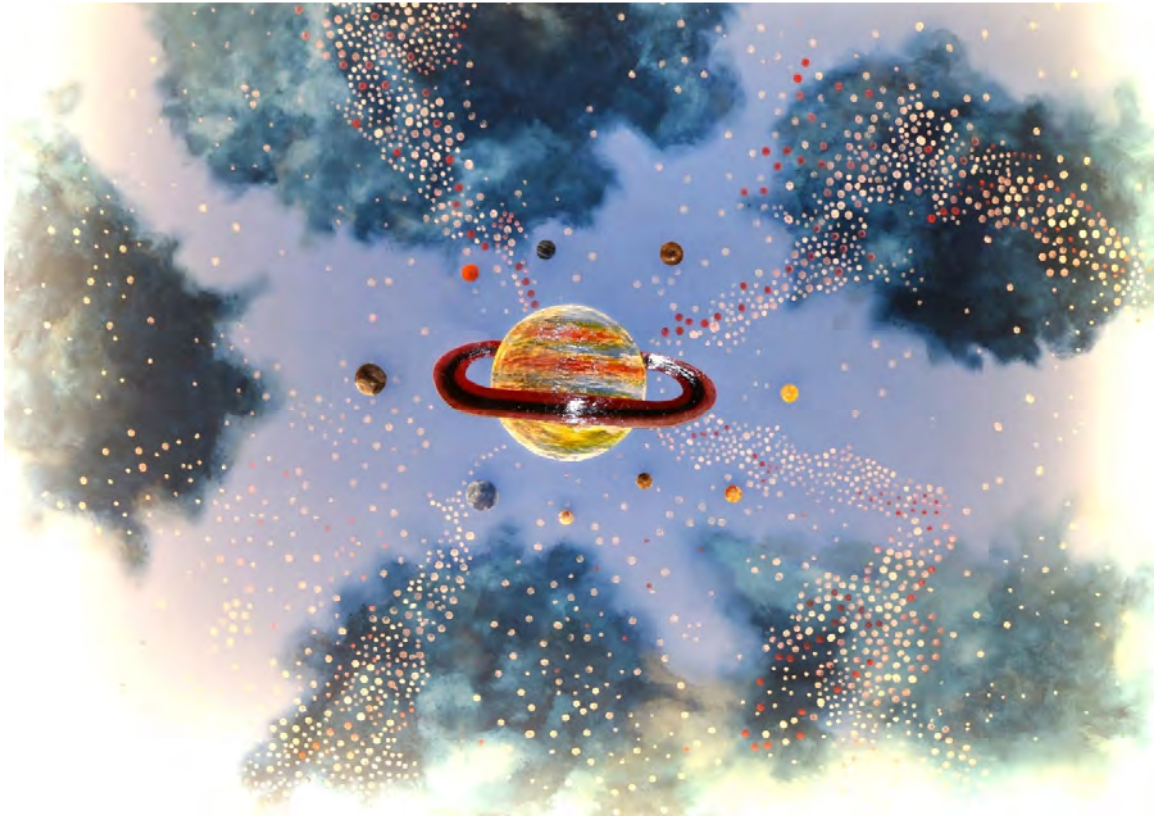


Figura 8 – Pormenor da parte central do teto com a representação de estrelas e Saturno.



Figura 9 - Pormenor do teto com a representação do Sol, junto ao Oriente.

PROCEDIMENTO TÉCNICO

Sob o ponto de vista técnico foram várias dificuldades surgidas que prejudicaram a execução do trabalho tornando-o bastante mais moroso. Quando as duas salas foram entregues para a pintura da *Abóbada Celeste*, já estava colocado o chão em azulejo, as paredes pintadas e a sala completamente mobilada. Este aspeto impediu uma maior liberdade expressiva ao nível da pintura, provocaria uma maior morosidade, tendo sido necessário recorrer ao cobrimento do mobiliário e isolamento da pintura já realizada nas paredes. Como foi referido no início do nosso trabalho, as salas foram realizadas a partir de espaços recuperados pelo que a baixa altura da sala impediu a realização das nuvens em perspetiva. Modernizada que foi a sala, confrontámo-nos com as várias saídas do ar condicionada, as lâmpadas Led, os detetores de incêndio e as colunas de som, bem como os dois planos existentes no teto. Na planta representada na Figura 10 observa-se a existência em cada sala de três retângulos ao longo do eixo central e que possuem uma maior altura em relação ao restante teto. Nos dois orientes a altura do pé é ainda menor (265 cm) porque tem de estar mais elevado, segundo o rito.

Havendo necessidade de escurecer o *Ocidente*, dentro dos princípios já referidos do R.:E.:A.:A.: utilizámos um “Luxímetro” para medição da luz em lux, fc ou cd/m². O ambiente antes da pintura era já em si ténue devido ao mobiliário, constituído maioritariamente por cadeiras forradas em vermelho escuro e sem brilho. No teto e nos três retângulos haviam sido instalados fitas de led orientadas horizontalmente, enquanto que nas partes menos elevadas lâmpadas individuais de led dirigidas verticalmente. Depois de pintada uma zona com “Azul da Prússia” verificámos, através da medição com o Luxímetro, que a diminuição de luz ambiente era insignificante.

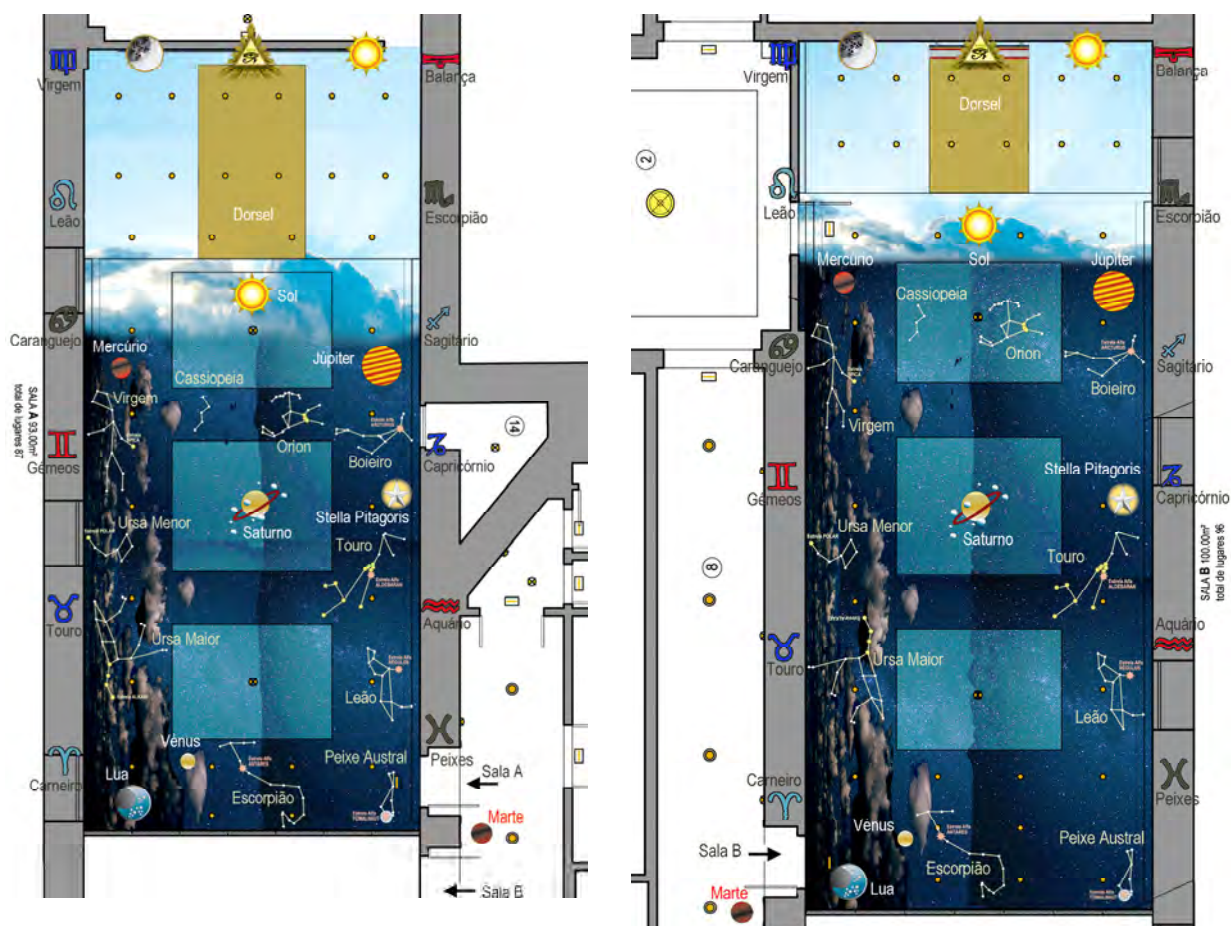


Figura 10 – Esquema do projeto da pintura da *Abóbada Celeste* das duas salas A e B.

Os planetas e as centenas de estrelas foram realizados em volume e pintadas previamente antes de serem coladas no teto. Sendo formas coladas e apesar de haver no mercado ótimos produtos, realizámos os objetos em materiais como o K-line (diversas espessuras), pasta de papel e cimentos acrílicos. Como pretendemos realçar estes elementos em relação à pintura demi-acetinada do teto, utilizámos tintas de esmalte brilhantes fornecidas pelos melhores fabricantes²⁵.

25 Marcas Cin e Robbialac.

Previamente à pintura, o teto foi totalmente desenhado com rigor, marcando a posição das centenas de estrelas das diferentes constelações, bem como os astros. No Norte foram também desenhadas as nuvens em cada uma das salas. Depois de coberto todo o mobiliário e o isolamento das paredes já pintadas, com fita autocolante adequada, procedeu-se à pintura do teto começando pela zona do Oriente onde tinha de ser simulado um céu com luz. Depressa nos confrontámos com a impossibilidade de realizar qualquer tipo de perspetiva das nuvens nos dois orientes devido à baixa altura do pé da sala. Recorremos à execução de nuvens como se fossem observadas verticalmente e não através duma leitura horizontal.

Recorremos às tintas das marcas já citadas pela sua qualidade cromática e poder de cobertura. No *Oriente* utilizámos “Branco de Chumbo”, “Branco Titânio”, “Amarelo Índio Escuro”, “Azul Cobalto”, “Azul Cerúleo” e “Castanho Van Dyck”. No *Ocidente* usou-se “Azul Cerúleo”, “Azul da Prússia”, “Branco de Chumbo”, “Branco Titânio” e “Castanho Van Dyck.” As transparências e as misturas realizadas nos astros e no sol impedem a identificação das cores usadas. Também foram usadas tintas metálicas (ouro e prata)

Tecnicamente a pintura foi realizada com o recurso a pequenos rolos (3 cm e 6 cm), trincha de várias larguras e pincéis que geralmente se utilizam na pintura a óleo ou acrílico sobre tela. Também houve o recurso a esponjas variadas. Para a pintura efetuada à volta das principais estrelas foram concebidos três carimbos de feltro.

A pintura foi concretizada na base de “velaturas”²⁶ tendo como único aglutinante das mesmas a água. Sendo um trabalho que se pretendeu simbólico e realista as tonalidades obtidas correspondem às existentes na própria natureza das formas representadas.

Tendo como base a Teoria da Gestalt²⁷ estabelecemos uma opção e preocupação por uma pintura realista, dando sumária importância aos elementos visuais que constituem o processo da comunicação, fomentando a necessária *unidade* da composição através do emprego da ilusão da perspetiva nas nuvens no lado Norte do Templo (CANOTILHO, 2005). Esta unidade foi conseguida através da definição das formas realistas apoiadas na definição

26 O termo “velatura” corresponde a uma camada de tinta a óleo ou acrílica sobreposta a outra, permitindo transparências mais ou menos acentuadas, dependendo do grau de diluição e do tipo de pigmentos utilizados.

27. Embora Von Ehrenfels tivesse sido o filósofo vienense precursor da psicologia da Gestalt, nos finais do séc XIX, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler, Kurt Koffka e Kurt Goldstein são personalidades fundamentais no incremento desta teoria.

e manipulação dos seus elementos básicos: Ponto; Linha; Contorno; Direção; Tonalidade; Cor; Textura; Dimensão; Escala; Movimento.

O método utilizado na pintura partiu do sistema subtrativo muito explorado por Itten (2005), professor e pintor suíço ligado à Bauhaus. Foram, portanto, conseguidas novas tonalidades. A execução pictórica apoiou-se no nosso princípio pessoal de que a cor possui três dimensões:

1. Escurecimento;
2. Saturação;
3. Tonalidade.

Neste contexto estamos convictos que para a obtenção de uma nova cor (tonalidade) só é possível através da mistura com outra cor (tonalidade) qualquer, existente na roda ou disco das cores de Itten. Esta primeira dimensão designa-a de *Tonalidade* e permite obter novas cores. A segunda dimensão sugerida é o *Escurecimento* conseguido através da junção do “valor” preto. Neste caso não se obtém uma nova cor, através da maior ou menor junção do preto, ficando apenas mais ou menos escurecida. Através da junção do “valor” branco, entendemos que se passa o mesmo fenómeno que em relação ao preto. A cor não é alterada, apenas *Saturada*.

Portanto neste contexto identificamos na pintura apenas Tonalidades (cores) e Valores (branco e preto), não se obtendo cores (Tonalidades) com a mistura do branco ou do preto. O processo de construção da obra pictórica, independentemente do número de velaturas ou camadas de acrílico dadas, passa por quatro fases distintas que passamos a abordar sucintamente (CANOTILHO, 2012):

1ª Fase | **Composição** - Definição do tema através de diversos estudos que incluem uma revisão bibliográfica ► Estudos de composição ► Integração do tema da composição no espaço geométrico e na perspectiva ► Opção pelo suporte ► Concretização do desenho;

2ª Fase | **Tonalidade** – Preenchimento do suporte com as tonalidades, privilegiando o contraste das cores complementares (Nesta fase as formas estão basicamente definidas através do contraste das tonalidades assumindo uma leitura ainda bidimensional);

3ª Fase | **Profundidade** – Nesta fase e através de velaturas é construída a perspetiva através da cor realçando os primeiros planos com tonalidades quentes e avançando para os últimos planos através do emprego cada vez maior de tonalidades frias que geralmente terminam nos azuis. Novamente o conceito de cores frias e quentes é estabelecido a partir dos estudos de Itten (2005) e de Hickethier (1985). Este último autor teoriza a cor em 1952 a partir do cubo das cores de Charpentier, criado em 1885;

4ª Fase | **Saturação e Escurecimento** – Modelação das formas através da saturação e do escurecimento das tonalidades dependendo da incidência da luz em contraste com as sombras produzidas ► Definição rigorosa das sombras próprias e projetadas nas formas ► Saturação dos últimos planos recorrendo à indefinição formal ► Identificação do brilho em determinadas formas existentes nos primeiros planos.

CONCLUSÕES

Não é fácil abordar uma temática exclusiva, ligada a uma organização tão antiga como é a maçonaria, principalmente dirigida a para um público académico, onde todo o trabalho está no domínio do método científico.

Com um passado de secretismo, a maçonaria transformou-se numa sociedade discreta na maioria dos países europeus no período pós II guerra mundial (1939 – 1945). Em Portugal e Espanha a designação de “sociedade secreta” deixaria de ter lugar respetivamente, com o 25 de Abril de 1974 e com a morte de Franco em 1975. Hoje em dia e nos países democráticos, é uma organização “discreta” relativamente aos seus membros, mas ativa na propagação dos seus ideais e das obras realizadas. Com efeito consideramos que esta organização, apesar de “discreta”, em muito contribuiu através dos seus membros, para o progresso efetivo da sociedade humana e como tal, este facto deve ser do conhecimento geral já que a sociedade só evolui a partir de leituras reflexivas de ordem histórica e sociocultural.

É nossa intenção, com este artigo, esclarecer a comunidade científica sobre uma temática explorada na maçonaria: *A Abóbada Celeste*, por considerarmos que também se insere no campo da investigação ligada às artes visuais e à história.

Contextualizámos historicamente o conceito de *Abóbada Celeste* através das poucas publicações existentes sobre o tema, ao mesmo tempo que observámos os templos judaicos e cristãos, já que a maçonaria caracteriza-se por se inspirar profundamente na cultura judaico-cristã, ideia testemunhada pelos inúmeros rituais inerentes aos diversos ritos e graus respetivos.

As primeiras referências escritas sobre a *Abóbada Celeste* na maçonaria remontam aos séculos XVII e XIX, respetivamente por Elias Ashmole e Albert Pike. Quando abordamos o conceito num Templo da Maçonaria, ao nível da representação gráfica, parecem só existir imagens interpretadas a partir do que escreveu Elias Ashmole.

Contudo a primeira referência está bem explícita logo no primeiro livro bíblico de Génesis 1, constituindo as primeiras palavras escritas na Bíblia judaico-cristã. Posteriormente observámos fisicamente igual conceito através da descrição do “Templo de Salomão” e dos templos cristãos (católicos e protestantes).

Verificámos que todos eles (templos de Salomão, católico, protestante e maçónico) estão associados à mesma estrutura interna estabelecida através de duas divisões. A primeira de menor dimensão e num plano mais elevado, destinada aos elementos que dirigem o ritual e onde se encontram os elementos (objetos) simbólicos considerados sagrados. A segunda e de maior dimensão destina-se aos elementos que praticam o ritual. Pelas palavras bíblicas o primeiro é um lugar iluminado pela Luz e, portanto, de acesso a quem tem o Conhecimento, contrariando o segundo espaço.

Perante o desafio plástico proposto, optámos pelo rigor representativo em detrimento de qualquer tipo de conceito decorativo ou a partir de uma oralidade transmitida entre os seus membros, sem qualquer tipo de apoio documental e histórico. Tivemos em conta sob o ponto de vista histórico, o conhecimento do universo, no período entre os séc. XVII e XVIII.

A partir das indicações escritas antigas, verificámos a existência de uma associação direta das principais estrelas inseridas em constelações, do sol e dos planetas, com os elementos que fazem parte da sessão ritual do *Rito Escocês Antigo e Aceite (Aprendizes, Companheiros e Mestres*, alguns dos quais com o cargo de oficiais). Este aspeto determinaria a respetiva posição na *Abóbada Celeste*, a partir da posição física que os maçons ocupam numa sessão ritual do R.:E.:A.:A.:

Plasticamente definimos o *Oriente* como o “Espaço de Luz” e “Conhecimento”. O *Ocidente* como o “lugar da Escuridão”, mas da “Aprendizagem”. Considerámos também que o lugar dos *Aprendizes* a Norte é um lugar ausente de “Conhecimento”, e como tal, o próprio universo está coberto com nuvens deixando apenas visualizar três constelações. Para realçar as estrelas e os planetas optámos pela sua construção volumétrica na forma de calotes onde traduzimos a respetiva morfologia, textura e cores naturais, para que não houvesse qualquer tipo de confusão na sua identificação, como acontece na maioria das abóbadas que visualizámos. A utilização de tintas com brilho na pintura destes astros também ajudou a contrastar com o universo pintado com nuvens e pequenas estrelas não identificadas em tonalidades acetinadas. As principais estrelas foram realçadas através do seu tamanho, mas sempre colocadas na respetiva constelação para que não existissem erros de leitura.

Recusámos prontamente qualquer tipo de ambiente decorativo ou naif, como observámos em vários interiores que estudámos.

Tendo em conta a visão idealista do universo adotada pela maçonaria, traduzido através de um ambiente fraternal, propício à concentração e à meditação espiritual, julgamos ter optado corretamente por uma proposta pictórica e escultórica realista, proporcionadora dum ambiente expressivo / dramático, adequado ao exercício ritual e à transmissão dos valores expressos através dos *Landmarks da Maçonaria*, publicados por Anderson em 1734.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDER-EGG, E. (2007). *Metodología y práctica del desarrollo de la comunidad*. Buenos Aires: LUMEN HUMANITAS.

ANDERSON, J. (1734). *The Constitutions of the Free-Masons*. University of Nebraska - Lincoln DigitalCommons@University of Nebraska – Lincoln.

BARRUCAND, M, & BEDNORZ, A. (1992). *Arquitectura islamica*. Madrid:Taschen.

BONDARIK, R. (2010). *Escolas do Pensamento Maçónico. Origens e históricas e influências percebidas na compreensão da maçonaria*. São Paulo: Clube de Autores.

BOUCHER, J. (1990). *La Symbolique maçonnique*. Paris: Editeur Dervy.

CANOTILHO, L. (2009). *Do quadrado ao Ponto da Bauhütte*. Série Estudos nº 94. Bragança: Edição do Instituto Politécnico de Bragança.

CANOTILHO, L. M. L. (2005) *Perspectiva pictórica*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/962>.

CANOTILHO, L. M. L. (2012). *EXPLORAÇÃO DO CONCEITO “JOGO E CULTURA” NO CAMPO DAS ARTES PLÁSTICAS. ERAS - EUROPEAN REVIEW OF ARTISTIC STUDIES*, 3(1), 20-39.

CASTELLANI, J. (2012). *As Origens Históricas da Mística Maçônica*. São Paulo: Editora Landmark.

CHURTON, T. (2011). *The Magus of Freemasonry: The Mysterious Life of Elias Ashmole - Scientist, Alchemist, and Founder of the Royal Society*. Vermont: Inner Traditions.

DAVIS, R. G. (2013). *The Mason's Words. The History and Evolution of the American Masonic Ritual*. Oklahoma: Building Stone Publishing.

ECO, H. (2005). *Historia de la Belleza*. Italia: G. Canale & Borgaro Torinese.

ECO, H. (2009). *Cultura y Semiotica*. Madrid: Círculo de Bellas Artes.

GADAMER, H-G. (1998). *O Problema da Consciência Histórica* (P.C.D. Estrada, Trad.). (2.^a ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV.

GEST, K. L. (2012). *Os Segredos Do Templo De Salomão. Os Mitos Em Torno Do Rei Biblico*. São Paulo: Madras.

GOMBRICH, E. H. (2014). *La Evidencia de las Imágenes*. Barcelona: Colección Chiribitas.

HANI, J. (2001). *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70.

HORNE, Alex (1991). *Templo Do Rei Salomão Na Tradição Maçônica*. São Paulo: Pensamento.

JANSON, H. W. (1992). *História da Arte*. (5^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

JIMÉNEZ, D. (2013). *Historia de la Matemática: Pitágoras y el pitagorismo*. Createspace Independent Publishing Platform.

KAPLAN, A. (2008). *Meditação Judaica. Um Guia Prático*. São Paulo: Ágora.

LAVRADOR, M. (2015). *Constelações*. Maria Fumaça Records.

ÁLVAREZ LÁZARO, P. (1996). *Maçonaria, Igreja e Liberalismo*. Porto: UCP.

LEADBEATER, C. W. (1923). *A vida Oculta na Maçonaria*. S. Paulo: Editora Pensamento.

LEIGH, R., & BAIGENT, M. (2013). *O Templo e a Loja. O surgimento da maçonaria e a herança templária*. (2.^a ed.). Rio de Janeiro: Madras.

MACKEY, A. G. (s.d) *O Simbolismo da Maçonaria* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Universo dos Livros.

MACNULTY, W. K. (2008). *A Maçonaria. Símbolos, Segredos, Significado*. Lisboa: WMF Martins Fontes.

MARQUES, A. H. O. (1998). *A maçonaria em Portugal*. Lisboa: Gradiva.

MOYA, E. (2013). *Naturalizar A Kant? Criticismo Y Modularidad De La Mente*. Buenos Aires: Biblioteca Nueva.

OLIVIER, R. G. (2003). *Dictionary of Symbolic Masonry*. United States: Kessinger Publishing.

PIETROFORTE, A. V. (2004). *A língua como objeto da Linguística. Introdução à Linguística. I. Objetos teóricos*. (3.^a ed.). São Paulo: Contexto.

PIKE, A. (2010). *Moral y Dogma del Rito Escocés Antiguo y Aceptado*. Madrid: Arte Real.

PIKE, A. (2012). *O Pórtico e a Câmara do Meio* (F. Cyrino, Trad.). São Paulo: Editora Landmark.

REILL, P. H. (2004). Introduction. *Encyclopedia of the Enlightenment*. Nova Iorque: Facts on File.

TEXTOS

A importância de um templo maçónico. António Douglas Zapolla, Delegado da 42.^a. Região Maçônica – GOP. ARLS LUZ DE BRODOWSKI 072. Oriente de BRODOWSKI – SP.

ARAÚJO, E. (2008). *A ABÓBADA CELESTE E SEU SIGNIFICADO NA MAÇONARIA*. Prancha apresentada na Loja Armando do Amaral Sá n.º 56.

Carta patente de 1802 da Grande Loja dos Antigos, de Londres. Cf. Marques 1986, pp. 674-684.

RIBEIRO, C. A. (2015). *O Templo Maçónico e a Arquitetura – Obras na GLLP. A Abóbada Celeste*. Prancha apresentada em Loja.

WEBGRAFIA

<https://www.gllp.pt/>

<http://www.noesquadro.com.br/2011/01/por-que-os-aprendizes-se-sentam-no.html>